



NO BANCO DOS RÉUS: a partir da esquerda, os filósofos Gilles Deleuze, Jean Baudrillard e Felix Guattari

A ciência do 'muito barulho por nada'

Polêmico desde sua gênese, *Imposturas Intelectuais*, de Alan Sokal e Jean Bricmont, ataca pensadores que se atrevem a fazer das ciências um campo privado, afastado da objetividade e da sinceridade

Por Nélio Bizzo

"É impossível exagerar quando balulhamos nossos pares." Esta máxima, regra de ouro em certos círculos acadêmicos, foi seguida à risca por Alan Sokal, um irreverente físico novaiorquino, no bojo de investida contra certos filósofos pós-modernos. Alguns deles acreditam que a ciência é, de certa forma, uma "moda", edizem que a função dos cientistas em relação à descrição do mundo e formulação de regras é de mesma natureza daquela de Glória Kalil quando prescreve regras de vestuário. Este *enfant terrible*, indignado com as investidas contra a ciência levadas a cabo por festejados filósofos, escreveu em 1996 o artigo "Transgressão das fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica" e o submeteu à revista *Social Text*, vitrine pós-moderna. No texto, ele começava elogiando alguns escritos dos próprios editores da revista e chegava a conclusões absolutamente sem sentido, mas enunciadas em linguagem rebuscada, de aparência acadêmica. O "trote" não foi percebido pelos editores, tampouco pelos árbitros, que acabaram por recomendar um amontoado de assinaturas para publicação nessa então prestigiosa revista. Quando o história

O livro estampa em seu título muito das conclusões sobre Lacan, Braudillard, Deleuze: 'imposturas intelectuais'

veio a público, se transformou em escândalo que alcançou as manchetes dos principais jornais dos Estados Unidos e da Europa.

Acaba de ser lançado no Brasil o livro que relata em detalhes não apenas o artigo original de Sokal, mas também uma explicação de como foi escrito e outro artigo em que confessa a farsa publicamente. Esses artigos aparecem como apêndice a uma nova análise de trechos de obras de importantes filósofos. Esta análise circulei inicialmente entre cientistas, causando reações mistas de hilaridade e consternação. Escrito com a ajuda do antigo professor de Sokal em seu doutorado em Princeton, o belga Jean Bricmont, da Universidade de Louvain, o livro estampa no título muito das conclusões sobre Lacan, Braudillard, Kristeva, Latour, Deleuze e Guattari (entre outros): *Imposturas Intelectuais*. Depois de concluída sua pós-graduação, Sokal deu aulas de matemática na Nicarágua Sandinista, na Universidade Nacional. Sintomaticamente, entre as "pérolas" escritas por Sokal figuram algumas recomendações para o ensino das ciências e matemática.

"A meta fundamental de todo movimento emancipatório deve ser a desmistificação e democratizar a produção do conhecimento científico, pondo fim às barreiras artificiais que separam os 'cientistas' do 'público'. Para sermos realistas, esta missão deve começar com a geração jovem por meio de uma profunda reforma do sistema educacional (aqui são citados Paulo Freire e a *Pedagogia do Oprimido*). O ensino da ciência deve ser expurgado de suas características autoritárias e elitistas (aqui é citado um relatório do próprio Sokal sobre o ensino de matemática na Nicarágua Sandinista), e o conteúdo dessas matérias enriquecido com os pontos de vista das críticas feministas, homossexuais, multiculturais e ecológicas."

As notas de rodapé do "artigo" são farsescas e francamente hilariantes. Para mostrar como as conclusões do movimento esotérico "Nova Era" são consistentes é sugerida a leitura do livro de Fritjof Capra *O Tao da Física*, com o comentário: "O livro de Capra (1975) pode ser recomendado pela sua precisão científica e acessibilidade aos não especialistas." Trata-se de indicação suficientemente clara de quão tênue pode ser a linha divisória entre a bajulação latitudinária e a chacota astuciosa. Isso pode ser comprovado pouco adiante, quando Capra é citado novamente, mas com uma objeção: "Um esclarecimento: tenho fortes reservas ao uso feito por Capra da palavra 'cíclico', que, se interpretada muito literalmente, poderia promover uma calma política regressiva." O texto farsesco prossegue com um elogio ao comentário de Derrida "A constante einsteiniana não é uma constante", seguido de arroubos historicistas, do tipo: "o (pi) de Euclides e o G de Newton, anteriormente imaginados como constantes e universais, são agora entendidos em sua inelutável historicidade", uma frase que soa familiar, diga-se de passagem.

Na seção seguinte, Sokal exagera no besteiro de aparência acadêmica, procurando mostrar que os "campos morfogenéticos" (especulação do "Nova Era" sem relação alguma com a ciência), poderiam ser um novo paradigma para a gravitação quântica. Em suma, Sokal constrói uma escandalosa quimera escrita em linguagem aparentemente "acadêmica" e "engajada", que passa despercebida pelos editores e árbitros.

Sokal e Bricmont estiveram no Brasil no final de abril de 1996 participando de dois eventos: um seminário de três dias promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP e o Seminário de Ensino de Ciências da Bienal Internacional do Livro, promovido pela Câmara Brasileira do Livro. No IEA-USP insistiram na ideia de que a ciência não é simplesmente um texto: quando se afirma que a ciência se reduz a um sistema de crenças, como qualquer outro, incorre-se no erro de equiparar literalmente o que só pode ser feito de forma figurada. Enfrentar a primeira linha dos filósofos e cientistas sociais uspianos não foi tarefa fácil. Marilena Chaui, por exemplo, ao ouvir que Sokal pretendia trazer contribuição para o debate na "esquerda" norte-americana congratulou-se com ele pela alvissareira notícia de que havia um movimento de esquerda nos Estados Unidos - fina ironia que Sokal parece não ter entendido. Com os educadores reunidos no Seminário de Ensino de Ciências, Sokal e Bricmont insistiram em outro tema desenvolvido em seu livro, a ideia de que a ambigüidade não pode ser substituída. Eles selecionaram diversos trechos de livros que podem ser interpretados de duas formas diferentes.

Os autores mostram como pode ser questionável a utilização de argumentos extraídos do contexto científico

Esta ambigüidade, acreditam eles, em muitos casos é deliberada e acaba por enganar o leitor sobre o grau de domínio do autor no campo científico. Ele pode angariar adeptos em platéias pouco críticas levando adiante conclusões pretensamente profundas e, ao mesmo tempo, esgrimir contra os críticos esclarecidos conclusões limitadas ao banal como comprovação de sua integridade intelectual. No contexto do ensino de ciências, esta recomendação deveria constituir regra áurea, dadas as imensas ambigüidades que estão presentes em textos didáticos de todo tipo.

Em *Imposturas*, os autores mostram como pode ser questionável a utilização de argumentos extraídos do contexto científico, principalmente da Física Moderna, para convencer um público leigo na área sobre a pro-



JACQUES DERRIDA (acima) e Jacques Lacan (abaixo): aos olhos da dupla Sokal e Bricmont, mais pompa do que conhecimento renovador...



priedade de postulados no campo das Humanidades. Sem pretender lançar um julgamento sobre o conjunto das obras que critica, o livro é a síntese mais incômoda que se poderia fazer da utilização de argumentos científicos fora de contexto e sua força de convencimento por pessoas que não os dominam ou, muito pior, os desprezam. Um momento crítico do livro pode ser localizado quando são abordados os pontos de vista de Paul Feyerabend, tido por muitos como o ápice da anti-ciência, crítico do racionalismo e opositor da ideia de que existe um "método científico" fixo, definido e infalível. Os autores não ousam criticar Feyerabend da mesma forma com que o fazem com Latour, por exemplo, mas confessam que existem posições francamente contraditórias na obra do autor de *Contra o Método*. Por um lado, as três edições de seu famoso livro trouxeram posições cada vez mais brandas em relação a sua posição inicial de que o método científico é tão subjetivo que "qualquer coisa serve". Em 93, Feyerabend disse que discordava da afirmação de que todas as regras e critérios são inúteis e devem ser descartados: "Não afirmo que deveríamos proceder sem regras nem critérios." Por outro lado, na primeira edição, ele afirmava que o ensino de ciências não poderia ser substituído por um outro sistema de crenças qualquer.

O livro é um marco para aqueles que acreditam que as ciências naturais têm uma importante contribuição para o entendimento do mundo, mas de modo algum pode ser considerado uma pá de cal nas humanidades. Trata-se de um convite para repensar a reação frente a expressões como "a guerra moderna ocorre num espaço não-euclidiano" (Braudillard), e não ter vergonha de perguntar: "Que raios isso quer dizer?"

□ IMPOSTURAS INTELECTUAIS - O Abuso da Ciência pelos Filósofos Pós-modernos, de Alan Sokal e Jean Bricmont, tradução de Max Altman, Record, 316 págs., R\$ 35,00.

Nélio Bizzo é professor associado da Faculdade de Educação da USP, autor de Ciências: Fácil ou Difícil (Ática)